

homogéneo e o heterogéneo, entre a vida e a morte. As três matérias — a inanimada, a viva e a quântica — são formadas pelos mesmos elementos que, no fundo, não constituem mais do que acontecimentos energéticos ou, melhor dito, sistemas energéticos.

V. H. — Creio que inclui a alma ou o psíquico na terceira matéria. Poderia dizer-me quais são as características dessa terceira matéria?

S. L. — A matéria, como lhe dizia, não é mais do que uma sistematização de acontecimentos energéticos. E essa sistematização só é possível devido à coexistência de acontecimentos antagónicos, ao mesmo tempo de atracção e repulsa, o antagonismo que está na base do meu princípio ou causalidade de antagonismo. Se os referidos acontecimentos mais não fizessem do que atrair-se, obedecendo à homogeneização, acumular-se-iam num conglomerado sem qualidades, como diria Musil; e se se repelisses entre si, obedecendo apenas à heterogeneização, então não haveria matéria. Sabemos, com efeito, que a matéria não é só energia, mas uma energia que, devido a este antagonismo, engendra sistemas, como o núcleo atómico, o próprio átomo, a molécula, os objectos de que nos apercebemos através dos sentidos, os planetas, as galáxias, etc. Por outro lado, se um tal sistema pode formar-se e existir, o que lhe faz falta é outro princípio que o torne homogéneo e outro contraditório. Dito de outra maneira, esses acontecimentos energéticos devem possuir a dupla potencialidade contraditória da homogeneidade e da heterogeneidade, que os tornem realidades parecidas e diferentes. Porque, se fossem apenas homogéneos — como pretendia a física clássica —, os acontecimentos energéticos fundir-se-iam na própria homogeneidade global e não haveria nem acontecimentos energéticos nem sistemas; apenas haveria uma morte do Universo, conforme a podemos imaginar apoiando-nos no princípio de Clausius, ou seja, da entropia. Pelo contrário, se os acontecimentos estivessem submetidos a uma heterogeneidade indefinida, aniquilar-se-iam nessa diversidade sem limites, e também não haveria acontecimentos ou sistemas. Assim, três orientações se nos oferecem como possíveis: 1) os acontecimentos energéticos ficam ao mesmo nível de actualização da sua própria potencialização, num antagonismo equilibrado e numa contradição do mesmo grau da sua homogeneidade e heterogeneidade; e é o caso da matéria nuclear ou microfísica, como demonstrei no meu livro *As Três Matérias*, matéria que é também a da sistematização energética psíquica, ou matéria da alma; conclusão surpreendente mas inevitável; 2) a partir da energia nuclear, os sistemas homogenizam-se cada vez mais, em virtude do aumento da entropia positiva, com detrimento da heterogeneidade; na matéria dos sistemas macrofísicos ou inanimados; 3) a partir da mesma fonte nu-

clear — na qual, como se sabe, se concentram energias prodigiosas —, destaca-se uma via divergente de actualização dissimétrica, a da heterogeneização predominante, isto é, da matéria dos sistemas biológicos. O psíquico seria, pois, como uma espécie de zona fronteira, entre o homogéneo e o heterogéneo, um campo de batalha, repito, em que o ser humano se oferece como expoente máximo deste permanente antagonismo. O seu psiquismo seria o cume da terceira matéria.

V. H. — Recordo uma frase sua, para mim esclarecedora e ao mesmo tempo revolucionária: «No fundo, a escolha faz-se entre o sono e a morte.» Quer explicá-la?

S. L. — Sim, recordo. Pertence a *As Três Matérias*. E repeti-a num ensaio publicado há pouco numa revista e intitulado «Sobre o Sono». Seguindo as normas do próprio princípio de contradição, cheguei à conclusão de que o sonho é um elemento heterogéneo, estabilizador da nossa vida psíquica, oposto à acção homogeneizante da memória. Seguindo as experiências do neurologista canadiano Wilder Penfield, sabemos hoje que a nossa memória regista conscienciosamente tudo o que vivemos. Nenhuma sensação, nenhum acontecimento ou palavra escapam a esta acção registadora. Em contraposição a esta gigantesca acumulação de factos sucedidos, o sonho aparece como uma antimemória, como algo destinado a fraccionar, desagregar e alterar a memória. Basta pensar que, num sonho, os acontecimentos não seguem o mesmo ritmo ou a mesma ordem que têm na vida normal. São como metamorfoses permanentes do que se viveu. Qual é, então, a verdadeira realidade: esse volume gigantesco de recordações sem fim a que chamamos a vida desperta, ou essa acção sistemática e ordenada que ataca a memória e a reduz ao essencial e suportável, que é o sonho?

A nossa conversa espraia-se em torno da psicologia actual e das suas perspectivas. Diversos físicos sentiram-se atraídos pela alma: refiro-me aos físicos do século xx, uma vez que o xix tinha erguido verdadeiras montanhas de separação entre disciplinas chamadas do objectivo e do *objectivo* e do *subjectivo*. Hoje, depois de Heisenberg ter formulado o seu princípio da incerteza e demonstrado que a subjectividade do observador intervém directamente no que é investigado e o antropomorfiza em certa medida, sabemos que essa delimitação era falsa e constituía um obstáculo para o conhecimento da realidade. Num livro publicado em 1948, o físico alemão Pascual Jordan (*A Física e o Segredo da Vida Orgânica*) afirmava que a psicologia do inconsciente deverá ter em conta, depois das últimas descobertas da física, o conceito de complementaridade formulado por Niels Bohr, que explicaremos num próximo capítulo. Complementaridade que nos